

CÂMARA DE GAIA E IPPAR CONCERTAM POSIÇÕES PARA REFORMULAR O PROJECTO

Centro Cultural aguarda parecer

O Centro Cultural de Gaia, cuja conclusão fora inicialmente prevista para meados de 2005, ainda está a ser negociado com o Ippar, que emitiu um parecer onde discordava parcialmente do projecto inicial. A obra será adjudicada, logo que seja emitido um parecer positivo.

LÚCIA PEREIRA

A Câmara de Gaia e o Ippar estão a desenvolver esforços no sentido de encontrar uma solução consensual para o Centro Cultural de Gaia, projectado para o antigo armazém da Real Companhia Velha, junto ao Cais de Gaia. Em Setembro de 2004, aquele instituto emitiu um parecer desfavorável ao projecto, no qual sugeria "maior contenção volumétrica e compositiva e uma melhor adaptação do novo edifício à realidade preexistente e boa integração na envolvente".

Ontem, o presidente da Câmara de Gaia, Luís Filipe Menezes, afirmou que "está praticamente pronto um parecer que baliza a questão paisagística e urbanística do equipamento e que em larga medida concorda com a ideia da câmara e com a ideia do consórcio interessado em desenvolver o projecto e que compagina a traça antiga do edifício com um ou outro elemento de modernidade".

Salientando as "excelentes relações" com o Ippar/Porto e o seu presidente, Lino Tavares, "que tem conseguido conciliar as suas obrigações como guardião do património com uma flexibilidade e uma visão de modernidade extremamente inteligentes", o autarca referiu que assim que o parecer positivo chegar, a câmara "infor-

mará formalmente o consórcio, no sentido de lhe dar um prazo razoável (30 ou 40 dias) para a reformulação e entrega do projecto". "Nessa altura, estaremos em condições de fazer a adjudicação", acrescentou, e intermediar com outros eventuais interessados privados.

O chefe de Divisão de Salvaguarda da Direcção Regional do Norte do Ippar, Miguel Rodrigues, confirmou que estão a decorrer contactos. Salientou também a colaboração entre as duas entidades e que "a Câmara partilha a posição do Ippar, no que respeita à manutenção da traça do edifício". Acrescentou ainda que o primeiro parecer emitido pelo instituto "foi propositalmente genérico e geral".

O projecto para o Centro Cultural de Gaia foi apresentado por Luís Filipe Menezes em Novembro de 2002, dentro da "lógica criativa de auto-financiamento".

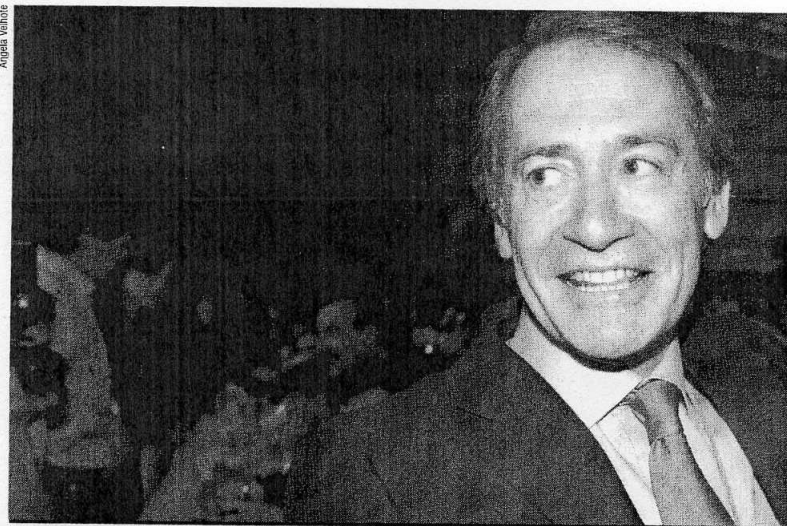
Câmara partilha posição do Ippar no respeito da traça

to" da autarquia, ou seja, seria construído e explorado por privados. Na altura, o autarca apontou a sua conclusão para meados de 2005. Manifestou também confiança no interesse dos investidores, nome-

adamente de consórcios espanhóis e britânicos. Além da manutenção da traça original do edifício, a autarquia exigiu no caderno de encargos a instalação de galerias de arte, salas de cinema comercial, livrarias, discotecas e bares, uma sala de espectáculos polivalente e um parque de estacionamento cuja capacidade deveria situar-se entre os 700 e os mil lugares. As expectativas do autarca saíram goradas.

Apenas uma empresa — a Novopca — se mostrou interessada no projecto. Até à hora de fecho desta edição, não foi possível contactar os responsáveis da empresa, a fim de saber se estão ou não disponíveis a alterar o projecto.

Angela Vitorino



Luís Filipe Menezes explicou divergências com Ippar e deixou perceptível que será candidato

CAVES A PATRIMÓNIO

Plano de Pormenor decisivo

Luís Filipe Menezes afirmou ontem que Câmara ainda não conseguiu concretizar um acordo com Estado para viabilizar um plano de pormenor para toda a zona do entreposto do Vinho do Porto. Contudo, a autarquia não vai desistir da aprovação deste instrumento legal. Além de salvaguardar a "zona nobre do concelho", a aprovação do plano "será um factor decisivo" para a viabilização da candidatura das caves a Património Mundial, que deverá ser apresentada em 2007. O autarca salientou que este plano permitiria aos empresários do sector rentabilizar os seus armazéns, transformando-os em equipamentos de lazer, restauração e habitação, mas com "respeito total da traça dos edifícios e da sua imagem de marca". Alertou para o risco da "inércia" se reflectir em "desleixo, vidros, telhados e paredes a ruir".